

O animal como outro: a caça em Hemingway, Faulkner e McCarthy

Pedro Groppo

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários / UFMG / Capes-Reuni

RESUMO

Desde a publicação de *Moby-Dick*, em 1851, a caça tem sido um tema recorrente na literatura norte-americana. O presente trabalho se propõe a analisar a evolução do tema, tomando como exemplos três obras importantes: os contos “A vida curta e feliz de Francis Macomber”, de Ernest Hemingway, “O urso”, de William Faulkner e o livro *A travessia*, de Cormac McCarthy. A representação do animal e da sua relação com seres humanos nos textos analisados revela diferentes maneiras de abordar a alteridade.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura norte-americana, caça, alteridade

A tradição da representação animal na literatura norte-americana, especialmente no contexto da caça, é rica e extensa. Desde *Moby-Dick*, de Herman Melville, o tema tem fascinado autores, e é importante analisarmos a representação dos animais e questionar como a alteridade dos animais é vista. Talvez o exemplo mais contundente da representação de um animal na literatura norte-americana seja o caso de *Caninos brancos*, de Jack London. Nele, ao animal, um lobo, é dada uma consciência próxima a do humano, e enquanto *Caninos brancos* é um excelente romance, London simplifica a questão da alteridade animal ao investir o animal de uma consciência.

O presente texto lida com três obras que retratam o animal de maneira diferente dentro do contexto da caça, por autores norte-americanos. O primeiro é Ernest Hemingway, com o conto “A vida curta e feliz de Francis Macomber”; William Faulkner, com o conto “O urso”; e Cormac McCarthy, com o romance *A travessia*.

Hemingway, que praticava a caça, trata diretamente do tema em “A vida curta e feliz de

Francis Macomber”, em que o animal é colocado de lado para questões supostamente maiores, como coragem, masculinidade e problemas conjugais. O conto, um dos mais famosos de Hemingway, foi publicado em 1936 e colecionado em várias antologias desde então.

O conto abre com Francis Macomber sendo taxado de “covarde” por ter se envergonhado durante uma caça a um leão. Caçando apenas por esporte, Macomber consegue apenas ferir um leão, e ao se aproximar para matá-lo, Macomber corre em pânico, deixando a tarefa para o guia, Robert Wilson. A esposa de Macomber, Margot, presencia isso e humilha o marido ao beijar Wilson, inferiorizando-o. Hemingway escreve que o casamento deles havia uma união sólida: Margot era bonita demais para Macomber divorciá-la, e Macomber era rico demais para que ela o largasse. Contudo, Macomber recupera sua coragem no dia seguinte na caça ao búfalo. Apenas um animal fica ferido e sobrevive. Margot observa essa mudança, em que Macomber ganha novamente sua coragem e conseqüentemente sua masculinidade, e fica pálida e desconfortável, percebendo que perdeu a vantagem que possuía sobre ele. No clímax do conto, Macomber, possuindo uma “felicidade selvagem”, diz, “Deus, que perseguição! Nunca me senti assim! Não foi maravilhoso, Margot?” e ela responde, “eu odiei”.¹

Quando Margot vê o último búfalo se dirigindo na direção de Macomber, ela atira no búfalo com um rifle, e acaba por acertar seu marido “duas polegadas acima e um pouco para o lado da base de seu crânio”.² É impossível saber com certeza se Margot teve a intenção de acertar Macomber. Margot vê o comportamento de Macomber frente ao animal durante a caça como indicativo de sua masculinidade e poder. O animal é visto como um obstáculo a ser transposto, uma medida da coragem e da capacidade de um homem. É curioso que ela acaba matando o marido com um rifle de caça, reduzindo-o, portanto (na perspectiva do conto), a um animal. Por outro lado, há um foco na transformação psicológica que ocorre em Macomber. Ao pedir para Wilson para tentar caçar outro leão, ele indaga, “afinal, o que é o pior que pode acontecer?”, e Wilson responde, “a pior coisa é que ele pode te matar”. Ele então se lembra de uma citação de *Henrique V*, de Shakespeare: “By my troth, I care not; a man can die but once; we owe God a death and let it go which way it will he that dies this year is quit for the next.”³ Portanto, devemos a Deus uma morte, se morremos esse ano,

¹ HEMINGWAY. The short happy life of Francis Macomber, p. 21. (todas as traduções deste artigo são nossas.)

² HEMINGWAY. The short happy life of Francis Macomber, p. 23.

³ “Pela minha fé, não me importo; um homem pode morrer apenas uma vez: devemos uma morte a Deus e de qualquer modo, aquele que morre neste ano está livre do próximo.” (HEMINGWAY. The short happy life of Francis Macomber, p. 26)

estamos livres de confrontá-la mais tarde. Segundo Wilson, era esse entendimento, em outros caçadores, que os tornava homens; era “a coisa principal que um homem tinha, que o transformava num homem”.⁴ Portanto, ele tem uma vida focada no presente imediato, no seu foco em matar o búfalo, o que remonta ao personagem de Robert Jordan em *Por quem os sinos dobram*, que poderia viver uma vida completa em apenas três dias se ele se concentrasse no presente. Para Macomber, esse presente dura alguns minutos, tempo suficiente para ele explorar a sua “nova riqueza”.⁵

Mesmo que o animal no conto de Hemingway seja apenas instrumental para outros acontecimentos, há um parágrafo interessante em que Hemingway permite o leitor se aproximar do leão, enquanto ele jaz ferido:

Ele todo, a dor, a náusea, o ódio e toda a sua força que restava, se contorcia numa absoluta concentração por uma investida. Ele podia ouvir os homens falando e ele esperava, juntando todo de si nessa preparação para uma investida assim que os homens aparecessem na relva.⁶

Aqui Hemingway deixa claro a sua visão da natureza e do animal. É bem mais próxima à tradição de Jack London, pela leve personificação: ao dar uma consciência e vontade ao leão, ele começa a fazer parte do mundo humano, um mundo onde a natureza é subjugada pelo homem, em que a natureza está ali para a sua conveniência. Tanto dentro da história – a caça nada é mais do que um pano de fundo para os conflitos psicológicos de Macomber consigo mesmo e com sua esposa – quanto fora.

O conto de Faulkner, “O urso”, publicado separadamente e depois incorporado a uma obra maior, o romance *Go down, Moses*, de 1952, é um dos textos mais celebrados da literatura norte-americana. Nele, um garoto acompanha os caçadores na sua caça anual a um urso imenso e lendário: Old Ben. Tendo escapado dos caçadores por tantos anos, ele adquire uma aura mítica. No seu desejo de ver o grande urso, o garoto aprende a amar e respeitar a natureza e suas criaturas. Aprende como a usar um rifle, rastrear a presa, usar uma bússola e ler as mudanças das estações. Aos 10 anos ele consegue avistar uma pegada de Old Ben, mas não vê o animal. Sam, o líder da caça, diz que ainda não encontraram o cão que irá segurar o velho urso. É só anos depois que o garoto encontra Old Ben em duas ocasiões, mas se recusa a atirar nele, e ao voltar para casa, discute com o pai. O pai então tira um livro da estante e lê a “Ode a uma urna grega,” de Keats: “She cannot fade, though thou hast not thy bliss, for ever

⁴ HEMINGWAY. The short happy life of Francis Macomber, p. 20.

⁵ HEMINGWAY. The short happy life of Francis Macomber, p. 19.

⁶ HEMINGWAY. The short happy life of Francis Macomber, p. 16.

wilt thou love, and she be fair.”⁷ O garoto interpreta o poema como se tratando sobre uma garota, mas o pai o corrige, argumentando que o poema é sobre “verdade” e “todas as coisas que tocam o coração – honra e orgulho e pena e justiça e coragem e amor”.⁸ Em Faulkner, temos uma visão bem mais ecológica, pelo respeito que o garoto tem pela natureza e pelo urso. O urso é uma criatura mítica, quase divina. A prosa de Faulkner na primeira aparição do urso sugere uma visão mística.

O tratamento poético da imersão do garoto na floresta coloca o conto dentro do gênero da escrita sobre a natureza. William H. Rueckert, autor de *Faulkner from within*, escreve que

“O urso” é uma de nossas mais profundas ficções ecológicas, e pertence ao lado de *Walden*, de Thoreau. Tais textos requerem meditação profunda e mediação, pois eles são sobre o relacionamento do eu com a natureza – o universo não humano – e relacionam a formação do eu às formas da natureza em maneiras que nos tocam nessa era de posseção, manipulação, exploração e destruição da natureza para fins puramente humanos.⁹

Tais textos atuam sob uma forma de estranhamento desse universo, que nos fazem enxergá-lo com outros olhos.

Em Faulkner, para apreciar e entender a natureza, pertencer a ela, exige certa educação. Paradoxalmente, é necessário que o garoto aprenda a se desvencilhar da civilização para entrar em contato com esse universo não humano, em vez de buscar a sua própria natureza animal. Quando ele quer ver o urso, ele deixa o rifle e outros instrumentos de lado, numa entrega espiritual à natureza, numa submissão à grandeza desta e do urso. O poema é “Ode a uma urna grega”, de Keats, um dos poemas favoritos de Faulkner, e trata da relação entre o real e o ideal, o desafio de encontrar o ideal no real, e é chave para o entendimento de Faulkner da natureza. Ao decidir não atirar no urso o garoto percebe que a idealização do urso, tido como lendário e mítico, é menor do que a sua presença real, embora pertencente a uma idealização ainda maior, a do universo não humano.

Cormac McCarthy herda de Faulkner a reverência ao animal e ao não humano presente no final de “O urso”, mas McCarthy trata os animais com mais mistério. Os animais em sua ficção ainda pertencem ao mesmo mundo natural que o urso de Faulkner e são tão proeminentes em sua ficção que existem estudos e livros inteiros dedicados a eles.¹⁰

⁷ “Ela não pode se esvaecer, ainda que não alcances tua felicidade, para sempre haverás de amar, e ela será bela.” (KEATS. *Selected poems*, p. 191)

⁸ FAULKNER. *The bear*, p. 294.

⁹ RUECKERT. *Faulkner from within*, p. 199.

¹⁰ Ver SANBORN. *Animals in the fiction of Cormac McCarthy*.

Os animais em McCarthy possuem uma aura mística, e às vezes possuem uma intimidade incrível com seres humanos, e representam uma ligação a uma ordem natural que se perde. A decadência e a perda de contato com a ordem natural, com uma maneira “antiga” de vida e fazer as coisas, é um dos temas principais de McCarthy. Os animais são representados de várias formas em sua ficção, mas existe uma tendência a elevá-los. Para McCarthy, a existência humana é corrupta e efêmera frente à ordem natural. Os animais, portanto, podem ser vistos a pertencentes a uma hierarquia superior.

Em *All the pretty horses* (1992), o protagonista, John Grady Cole, é definido pela sua relação com cavalos. Em uma passagem, após domar um potro, John Grady se senta ao lado dele no chão, o seu focinho pressionando seu peito e o seu “hálito quente e doce inundando dos poços escuros de suas narinas sobre seu rosto e pescoço como notícias de outro mundo”.¹¹ Vemos aqui não só a intimidade entre o homem e o cavalo, mas também as características místicas, quase esotéricas (“outro mundo”), que McCarthy dá aos cavalos. Ele sonha com cavalos, correndo entre eles e “eles se moviam todos numa ressonância que era como música (...) a ressonância que era o próprio mundo que não pode ser dito, apenas louvado”.¹²

O lobo é o animal que recebe tal importância em *A travessia* (1994). Rancheiros discutem como o gado, sendo domesticado e indefeso, confunde os lobos, que matam o gado de maneira mais selvagem que outras presas, “como se ofendidos por uma violação de uma ordem antiga, de protocolos antigos”.¹³ Em certo momento, um caçador avisa o protagonista, Billy Parham que “o lobo é um ser de grande ordem e sabe aquilo que os homens não sabem: que não há ordem no mundo senão aquela que a morte ali colocou.”¹⁴ O animal não possui ilusões sobre seu mundo.

Em a primeira parte de *A travessia*, Billy captura, com seu pai, uma loba que está atacando o gado em seu rancho. Ao descobrir que ela está grávida, Billy decide levá-la para o México, que ele presume ser seu habitat, em vez de matá-la. Durante a travessia, ele desenvolve afeição pelo animal, arriscando sua vida para salvá-la em diversas ocasiões. Os momentos íntimos que Billy tem com a loba são como os de John Grady e os cavalos, tanto no mundo real quanto no dos sonhos. Em um sonho, Billy sente o focinho dos lobos e seu

¹¹ McCARTHY. *All the pretty horses*, p. 103.

¹² McCARTHY. *All the pretty horses*, p. 162.

¹³ McCARTHY. *The crossing*, p. 25.

¹⁴ McCARTHY. *The crossing*, p. 45.

hálito em seu rosto,¹⁵ e no mundo real, “quando ele a tocou, a sua pele fugiu e tremeu sob a sua mão (...) ele contou a ela sobre sua vida”.¹⁶ Há uma tentativa de se aproximar e resgatar o universo não humano através da intimidade com o animal.

O lobo possui um significado diferente dos cavalos: o lobo, ao contrário do cavalo selvagem, não pode ser domado e domesticado. A tentativa de Billy de, essencialmente, domesticar a loba termina desastrosamente. Quando Billy abriga a cabeça da loba, morta, no seu colo, McCarthy escreve que ele tenta alcançar aquilo que não pode ser pego.¹⁷ Wallis Sanborn nota que os lobos em *A travessia* são uma “metáfora negativa para o apetite incansável do homem por controle do mundo natural”.¹⁸ Já que McCarthy frequentemente se preocupa com existências fadadas à extinção, o lobo foi levado à extinção pelos rancheiros, assim como o modo de vida deles está prestes a acabar.

Em *A travessia* que há uma harmonia paradoxal da destruição. O lobo destrói o gado, prejudicando a existência humana para garantir a sua subsistência e a de seus filhotes. A tentativa de Billy de salvar a loba rompe a harmonia destrutiva, e essa ruptura leva ao desastre: tanto a loba quanto os pais de Billy – a quem ele abandonou – morrem violentamente. McCarthy combina beleza natural a coisas terríveis, e terror ao mundo natural, que é tradicionalmente visto como belo, como no caso da loba, descrita como ao mesmo tempo “terrível e de uma grande beleza”.¹⁹

Apesar de termos, a partir dessa seleção, um claro desenvolvimento ecológico, que talvez agrade mais à nossa perspectiva atual, não podemos afirmar que essa é uma tendência geral dentro da literatura norte-americana. O objetivo do presente trabalho é comentar as diversas representações da alteridade animal no contexto da caça. Ela culmina na que considero mais interessante e complexa, com Cormac McCarthy, que vê animais como emissários de outra ordem, outro reino, outro mundo. Na *Border Trilogy*, a trilogia na qual *A travessia* é o segundo volume, McCarthy narra a decadência do Velho Oeste americano, a morte de certos modos de pensar e de viver. Modos que, ele parece dizer, estavam de alguma forma mais em sintonia com esse outro mundo do que o nosso, e já se encontra irrecuperável. O que temos agora são apenas vestígios daquilo que Emerson chamou de “santidade que

¹⁵ McCARTHY. *The crossing*, p. 295.

¹⁶ McCARTHY. *The crossing*, p. 89.

¹⁷ McCARTHY. *The crossing*, p. 127.

¹⁸ SANBORN. *Animals in the fiction of Cormac McCarthy*, p. 131.

¹⁹ McCARTHY. *The crossing*, p. 127.

humilha nossas religiões e realidade que desonra nossos heróis (...) a natureza como circunstância que diminui todas as outras circunstâncias, e que julga como um deus todos os homens que vêm a ela.”²⁰ Ao invés de reverência, o mundo natural hoje é alienante, e seus habitantes, banalizados.

ABSTRACT

Since the publication of *Moby-Dick* in 1851, hunting has been a recurrent topic in American literature. The present work analyzes the evolution of this topic by looking at three twentieth-century works: Ernest Hemingway’s “The short happy life of Francis Macomber”, William Faulkner’s “The bear”, and Cormac McCarthy’s *The crossing*. The representation of animals and their relation with human beings in these texts reveals different approaches to the otherness of animals.

KEYWORDS

American literature, hunting, otherness

REFERÊNCIAS

- EMERSON, Ralph Waldo. *Nature and other essays*. Nova York: Penguin, 2003.
- FAULKNER, William. The bear. In: _____. *Uncollected stories*. Nova York: Vintage, 2002. p. 86-102.
- HEMINGWAY, Ernest. The short happy life of Francis Macomber. In: _____. *The complete short stories*. Nova York: Scribner, 2007. p. 5-28.
- KEATS, John. *Selected poems*. Nova York: Penguin, 2007.
- MCCARTHY, Cormac. *The crossing*. Nova York: Vintage, 2006a.
- MCCARTHY, Cormac. *All the pretty horses*. Nova York: Vintage, 2006b.
- RUECKERT, William. *Faulkner from within*. West Lafayette: Parlor Press, 2003.
- SANBORN, Wallis. *Animals in the fiction of Cormac McCarthy*. Jefferson: McFarland, 2006.

²⁰ EMERSON. *Nature and other essays*, p. 40.